

Arquitetura e gênero - as mulheres no espaço / o espaço das mulheres*

Arq. Nirce Saffer Medvedovski, Msc.

Foi com muito prazer que aceitei o convite para participar deste painel, que tem o sugestivo nome de "Mulheres que fazem".

Inicialmente pensei em trazer algumas idéias sobre o espaço conquistado pelas mulheres na profissão que exerce - a Arquitetura, mas mudei um pouco o rumo de minhas palavras ao lembrar um lugar em Pelotas que considero ainda hoje - num período de expansão dos domínios femininos, um local essencialmente masculino: o Café Aquário. Resolvi, a partir desta imagem: o café num sábado de manhã, com seus senhores bem barbeados, estendendo o seu olhar controlador pelo calçadão, inverter a minha fala e começar não pelo espaço **das** mulheres, mas pelas mulheres **no** espaço.

O espaço é a matéria prima da arquitetura, desde a micro escala de um quarto numa residência até a macro escala da cidade. Ao estudarmos o espaço, se revela aos olhos do arquiteto atento, além de um mundo material de pisos, cercas, ruas e praças , um outro mundo cheio de significados, permissões e proibições.

Em outras palavras queremos abordar aqui os aspectos do imaginário social e familiar que dentro do contexto de uma determinada cultura, determinam o **lugar** que uma pessoa ocupa a partir de sua situação de gênero.

Quando falamos de lugar, não estamos falando de uma posição social, mas sim da variável espacial, considerando o fator **localização e o fator distância**.

Podemos dar alguns exemplos:

Quando a família real veio para o Brasil, D.João, com intenções modernizadoras ,mandou retirar das janelas os muxarabi, espécie de tramado de madeira que os portugueses herdaram da dominação árabe na Península Ibérica. O muxarabi

* Trabalho apresentado no 1ºEncontro Regional de Mulheres de Negócios e Profissionais.Painel- Mulheres que Fazem.Promoção da Associação Comercial de Pelotas,Pelotas,20 de Outubro de 1994.

protegia o mundo doméstico das mulheres dos olhares do mundo exterior: o privado do público, o feminino do masculino.

Se nos remetermos a culturas mais distantes, na África, o poço é o espaço feminino e o café o masculino. Nas cidades muçulmanas Rapaport, (1978) aponta o bazar, o café e a mesquita como o local masculino, sendo a casa o domínio das mulheres. Os ingleses são conhecidos pelos seus clubes masculinos privativos e pelos "pubs", hoje mais democratizados pelos jovens. Um estudo da cultura indígena brasileira (Novaes, 1983) nos aponta a "casa dos homens" como o local da iniciação masculina. Os "ritos de passagem" femininos - de infância para adolescência, se dão na esfera doméstica.

Rostagnol (1993; 219) destaca que a sociedade ocidental é também androcêntrica, apesar de mudanças recentes do papel da mulher no trabalho. Para esta antropóloga existem duas culturas diferenciadas, uma masculina e outra feminina em cada sociedade. Em geral existe um padrão de cultura masculina regendo os aspectos públicos das culturas locais, destinando a esfera privada ao domínio das mulheres. Estabelece-se uma dicotomia entre o fora / dentro da casa esta último o local legítimo de sua atuação para o funcionamento dito "normal" da sociedade.

Quando situações históricas, como a Revolução Industrial, modificam esta situação e a mulher passa a atuar no mercado de trabalho, o que verificamos não é a superação da dicotomia, mas sua consolidação numa situação quase esquizofrênica: a mulher passa a vivenciar a cultura masculina e estabelece uma vida dupla, onde utiliza a cultura feminina no lar e a masculina no trabalho. Rostagnol sustenta a hipótese que as mulheres exitosas nas esferas públicas, aprenderam a manejar o código masculino, tornando-se portanto "biculturais". Enumera uma série de oposições binárias que lhe parecem expressar esta cisão, para um estudo de operárias do setor têxtil em Montevidéu (1993, p 221):

"casa / fábrica
 dentro / fora
 horário livre / horário determinado
 linguagem afetuosa / linguagem assertiva
 trabalho doméstico / trabalho remunerado
 âmbito privado / âmbito público
 relações familiares / relações não familiares"

Normalmente associamos a primeira lista ao mundo feminino e a segunda ao mundo masculino. Quando, entretanto tratamos da mulher operária, é uma mesma pessoa, um mesmo indivíduo que está nas duas colunas. E nisto reside o problema ainda não superado, de que a mulher para ter acesso ao espaço público, se vê obrigada a conciliar os dois mundos, sem dúvida com altíssimo gasto de energia (Rostagnol, 1993, p 221).

Pensando concretamente na cidade de Pelotas e seus hábitos culturais, lembrei de enumerar alguns espaços, classificados pela sua utilização, por um dos gêneros. Sem dúvida as diferenças de classe social se fazem presentes nestes hábitos, como nos hábitos de lazer.

Ao percorrermos num fim de semana, um conjunto habitacional na periferia da cidade, fica evidente o movimento masculino em torno dos campinhos de futebol e a movimentação das mulheres e das crianças nas frentes das casas. As igrejas e outras casas de culto são sem dúvida outro espaço feminino. Outra constatação é o papel do carro e da garagem no universo doméstico dos homens, e o da cozinha e do pátio nos das mulheres, algo disseminado pelas várias classes sociais: ele lava o carro, ela faz o almoço.

Quando falamos dos setores de maiores rendas, alguns outros espaços se evidenciam em sua dicotomia. Podemos listar como espaços masculinos o já citado Café Aquário, o jogo de carta do Comercial, a sinuca do Brilhante, as canchas de bocha, as inúmeras quadras alugadas no fim de semana para o futebol de salão, as partidas da Boca do Lobo ou da Baixada.

Como espaços essencialmente femininos temos os chás em suas mais variadas acepções: os chás benéficos, os chás de aniversários, os chás de panela ou de cegonha, os chás com desfile dos clubes. Acho que esta herança inglesa da instituição do chá é

sem dúvida um reduto feminino em Pelotas que mereceria um estudo antropológico. Temos ainda os cabeleireiros, os grupos de tricô, pintura, as aulas de culinária e muitos outros.

Chama-nos a atenção, também, estes espaços de interpenetração, território livre aos dois sexos como a Avenida, ponto de aproximação entre os jovens do sexo oposto, ou o Laranjal, que cumpre o mesmo papel no período de verão. Lembramos ainda os espaços dos bailões populares, os salões dos clubes, as praças, os bares e as boates, onde se vai para ver e ser visto. Num passado recente as missas também serviam a este intento. Periodicamente surgem espaços da moda, como já foram os boliches, ou agora as quadras de paddle.

Todos estes poderiam ser classificados como "espaços de intercâmbio", onde os dois sexos se encontram, ou, já constituídos os casais, tem a oportunidade de consolida-los socialmente.

Mas queremos voltar a outra questão que levantamos: o espaço das mulheres. Cabe a mim falar do espaço conquistado dentro da Arquitetura. Quando em 1950 formou-se a primeira classe da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tínhamos somente uma mulher entre sete homens. Esta situação se manteve nas turmas seguintes, de onde provieram os nomes de destaque de Enilda Ribeiro - primeira mulher presidente do IAB-RS. e Laís Pinto, hoje Salengue, primeira mulher arquiteta de Pelotas.(ver Quadro I).

Quadro I
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRGS
Formandos de 1952 a 1956

	homens	mulheres	total	<u>mulheres</u> total
1952	6	1	7	14,2%
1953	31	2	33	6,0 %
1954	21	3	24	12,5%
1955	33	8	41	19,5%
1956	41	9	50	18,0%

Fonte: Livro de Registros de Diplomas - FAU - UFRGS

Esta situação se modifica progressivamente e hoje temos na Faculdade de Arquitetura de Pelotas 113 mulheres sobre um total de 211 alunos, 54% portanto. Se contarmos o total de egressos da nossa Faculdade, de 1977 a 1992, 59% são mulheres. (ver quadro II)

Nas associações de classe a situação se repete: do total de arquitetos registrados no CREA-Pelotas, Conselho Regional de Engenharia, Agronomia e Arquitetura, 111 são homens e 140 são mulheres.

Na direção da AEAP-Associação de Engenheiros e Arquitetos de Pelotas, dos 12 membros, 7 são mulheres e a vice presidente é a Arq. Rosilene Martins Peres. Entre os 42 arquitetos sócios, 24 são do sexo feminino.

No organismo estadual do IAB, a gestão passada foi presidida por Sonia Mascarello e a atual tem Ghissia Hauser como vice presidente.

QUADRO II

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel
Formandos até 1992

ANO	M	F	TOTAL	% sexo fem. sobre total
1977	2	1	3	33.3
1978	2	12	14	85.7
1979	5	14	19	73.6
1980	11	20	31	64.5
1981	7	17	24	70.8
1982	13	13	26	50.0
1983	8	11	19	57.8
1984	16	22	38	57.8
1985	16	20	36	55.5
1986	10	20	30	66.6
1987	14	20	34	58.8
1988	12	13	25	52.0
1989	17	8	25	32.0
1990	9	17	26	65.3
1991	13	17	30	56.6
1992	12	12	24	50.0
GERAL	167	237	404	58.6

Fonte do livro de Registro de Díplomas - FAU - UFPel

É sem dúvida um quadro bastante diferente de 40 anos atrás quando a profissão lançava suas raízes no Rio Grande do Sul.

Chama-nos a atenção, no entanto, que apesar do número significativo de mulheres arquitetas, pouco destaque temos de nomes femininos na história da Arquitetura brasileira ou gaúcha. Não consigo recordar nenhum "Niemayer" de saias e lembro que a direção nacional do IAB nunca foi exercida por uma mulher durante os 46 anos de história desta instituição.

Buscamos aqui novamente o auxílio das antropólogas para entender melhor este quadro.

Strathern (1979, 138) efetua uma figura de linguagem para definir o que são as construções de gênero: as define como

"moldes vazios" nos quais pode ser vertido qualquer tipo de noções e valores. O que é constante é a noção estrutural de **contraste e relação**. Cada gênero se define assim por oposição ao outro e pressupõe a existência do outro. O preenchimento desta forma resulta de dois fatores: os atributos físicos e sexuais de cada sexo e as relações de poder de determinada cultura (que pressupõe as relações econômicas).

Em muitas sociedades, como a dos primitivos agricultores, o sustento econômico era devido às mulheres. Nas sociedades matrilineares, é a descendência feminina que localiza o indivíduo na sociedade. Mesmo assim, nestas sociedades, as posições de poder são predominantemente masculinas.

Margareth Mead (1984, 287) nos diz: "Qualquer que sejam as disposições com respeito a descendência ou posse de propriedades,... os valores de prestígio se ligam às ocupações masculinas, se não inteiramente às custas das ocupações femininas, pelo menos em larga proporção."

Esta afirmação nos levaria a pensar num determinismo sexual? Com certeza temos que dar um tempo e um espaço à maternidade, também concretamente somos menores e com menos força física. Mas a época dos caçadores das cavernas está hoje muito distante e, apesar da dupla jornada, da aparente esquizofrenia de conciliar o público com o privado, hoje o espaço público está sendo tomado pelas mulheres.

Falta agora verificarmos se o curso da história do gênero feminino aceita modificações. O postulado de Margareth Mead talvez possa ser refutado e as relações de poder e prestígio também se modifiquem. Os gêneros se definem um frente ao outro e com certeza teremos não só uma outra esfera espacial para a mulher como também do homem. O homem se aproxima do domínio de vida privada e com certeza a superação da dicotomia esquizofrênica passa também pela modificação deste mesmo homem.

Gilberto Gil já antecipava isto em sua música:

Um dia,
Vivi a ilusão de que ser homem bastaria,
Que o mundo masculino tudo me daria
Do que eu quisesse ter...
Que nada,
Minha porção mulher que até então se resguardara,
É a porção melhor que trago em mim agora,
E que me faz viver...

BIBLIOGRAFIA:

MEAD, Margareth - **Sexo e Temperamento.** São Paulo, Editora Perspectiva, 1984.

NOVAES, Sylvia Caiuby (Org.) - **Habitações Indígenas.** São Paulo, Nobel / Ed. da USP, 1983.

RAPOPORT, Amos. **Aspectos Humanos de La Forma Urbana.** Barcelona, Gustavo Gili. 1983, p273-279.

ROSTAGNOL, Suzane - Cultura Masculina, Cultura Feminina: la Importancia de las Diferencias. In: FONSECA, Claudia (Org.) - **Fronteiras da Cultura - Horizontes e Territórios da Antropologia na América Latina.** Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1993, p 213-223.

STRATHERN, Marilyn-Uma perspectiva antropológica. In: HARRIS, Olívia e YOUNG, Kate (eds). **Antropologia e feminismo.** Barcelona, Ed. Anagrama, 1979, p133-152.